

▶ **PREVENÇÃO**

VARREDURA EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS DE MINAS

VERIFICAÇÃO DE ITENS DE SEGURANÇA COMEÇA NA SEGUNDA

DA REDAÇÃO

horizontes@hojemdia.com.br

Força-tarefa começa a visitar, a partir da próxima segunda-feira, museus, monumentos históricos e parques naturais do Estado. As condições de segurança, como a presença de extintores e hidrantes, saídas de emergência e alvarás de funcionamento, serão verificadas. A medida busca evitar tragédias como a que atingiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, no último domingo, quando cerca de 90% do acervo foi consumido pelas chamas.

Os trabalhos serão feitos por equipes do Corpo de Bombeiros e das secretarias estaduais de Cultura e Meio Ambiente. Segundo o coronel Cláudio Roberto de Souza, comandante-geral do Corpo de Bombeiros, as visitas visam prestar as devidas orientações "para atuar preventivamente nesses setores com interes-

se na segurança do público e dos bens".

A ação faz parte da operação Alerta Vermelho, que já acontece em comércio e postos de combustíveis de cidades mineiras. "Vamos observar se as saídas de emergência estão bem sinalizadas, as instalações elétricas, se há algum composto químico ou produto inflamável guardado, além, claro, de verificar a condição dos hidrantes internos e dos extintores de incêndio", acrescentou o capitão Frederico Pascoal, dos Bombeiros.

Em Minas, segundo o militar, 31 museus constam na lista de fiscalizações da corporação. Destes, apenas 15 estão com o Auto de Visita em dia. "Não é uma situação muito preocupante porque todos esses 16 que precisam ser regularizados já estão com os processos em andamento", salientou. O estabelecimento

que estiver com o documento fora da validade pode ser multado e, em casos extremos, interditado pelo Corpo de Bombeiros até a formalização legal.

Em nota, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) informou que a destruição do Museu Nacional ampliou o alerta para a proteção do patrimônio cultural. Um comunicado foi enviado aos promotores de Justiça do Estado pedindo atenção especial para as condições de segurança de espaços históricos que abriguem os acervos.

"É importante garantir a existência de Sistema de Proteção contra Incêndio e Pânico instalado e eficiente e a existência de Auto de Visita do Corpo de Bombeiros válido nesse imóveis", diz a promotora Gisselle Ribello.

Segundo ela, documentos para auxiliar na defesa do patrimônio, como um manual básico de seguran-

CONT.... HOJE EM DIA - P. 13 - 05/09/2018

ça e conservação, foram encaminhados aos promotores. A publicação contém instruções preventivas, inclusive quanto a incêndios e descargas atmosféricas.

+ ALÉM DISSO

Três fragmentos de crânio foram encontrados em meio aos escombros do incêndio que destruiu o Museu Nacional. Uma das hipóteses é a de que se trata de Luzia, o fóssil mais antigo da América Latina, com cerca de 12 mil anos, e que foi descoberto em 1974 em Lagoa Santa, na Grande BH.

Os ossos estão sob análise de pesquisadores da Instituição do Rio de Janeiro. A assessoria do museu carioca informou que o crânio de Luzia não estava em exposição – justamente porque era muito requisitado por cientistas –, mas tampouco estava protegido num cofre. Ele estava em uma caixa de metal.

Achado na gruta da Lapa Vermelha, o crânio pertencia a uma mulher que morreu entre os 20 e os 25 anos e foi uma das primeiras habitantes do Brasil. A descoberta de Luzia mudou as principais teorias sobre o povoamento das Américas. Ela é considerada o maior tesouro arqueológico do país.

ANTONIO S. OLIVEIRA/MP



FACE – A partir do crânio de Luzia foi feita a reconstituição da mulher, revelando traços semelhantes aos de negros africanos

G1 - 04/09/2018 11H59 ATUALIZADO HÁ 16 MINUTOS

Incêndio no Museu Nacional gera alerta e MP faz diagnóstico do patrimônio em Minas Gerais

Estado tem mais de 430 museus e gestores serão notificados para apresentar dados sobre segurança. Descumprir requisição do Ministério Público é crime e pode resultar em prisão.

Por Flávia Cristini, Belo Horizonte



Museu da Inconfidência, no centro histórico de Ouro Preto, reúne mais de 4 mil objetos dos séculos XVIII e XIX, (Foto: Francisco Jenna - Setic/ Prefeitura de Ouro Preto)

O Ministério Público de Minas Gerais (MP-MG) deu início a um diagnóstico da situação de segurança dos museus e imóveis tombados de uso coletivo no estado. Após alerta gerado pelo incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro, promotores vão notificar os gestores dos estabelecimentos para prestar informações. Minas tem 430 museus, de acordo com a Secretaria de Estado de Cultura.

“O fato de o museu ter pegado fogo fez com que o Ministério Público intensificasse a fiscalização do patrimônio cultural. Todos os promotores das comarcas foram orientados para que façam uma busca ativa e notifiquem os responsáveis para demonstrar que os museus e imóveis tombados de uso coletivo possuem condições de segurança e Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros válido”, disse a promotora de Justiça Giselle Ribeiro de Oliveira. Ela é responsável pela Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico (CPPC) de Minas Gerais.

A coordenadora explica que o auto de vistoria atesta que projeto de segurança, com extintores, hidrantes e sinalização de segurança, dentre outros itens, foi instalado e é efetivo.

Com dados em mãos, o Ministério Público não vai es-

perar a chegada de denúncias de irregularidades e, antes mesmo do recebimento, ações de adequações podem ser recomendadas. Antes do incêndio no Rio, mais de 20 apurações em Minas já estavam em andamento.

“Vinte e três investigações estão em andamento no estado contendo denúncia de prédios que não possuem o sistema de prevenção de incêndio e pânico”, disse a promotora. O número de bens pode ser bem superior, porque cada apuração pode conter mais de um imóvel.

A intenção das investigações é que cobrar a regularização, mas, em casos extremos, o imóvel pode ser fechado.

“O objetivo é sempre a adequação do bem, porque o patrimônio cultural é para ser fruído pela população. Se houver risco, pode ocorrer o fechamento até que haja a regularização”, explicou a promotora de Justiça.

Em relação ao levantamento, a promotora de Justiça espera já obter dados em 30 dias. A partir disso, o Ministério Público vai recomendar que os responsáveis elaborem o projeto de prevenção e, posteriormente, pode notificá-los. Se necessário, uma ação civil pública para garantir a proteção do patrimônio pode ser proposta.

O gestor que receber requisição ministerial e descumprir está sujeito a punições. Segundo a coordenadora das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico, a Lei de Ação Civil Pública prevê pena de 1 a 3 anos de prisão por recusar, retardar ou omitir dados técnicos indispensáveis à propositura de ação civil pública quando requisitados pelo MP.



Imagem interna do Museu Nacional na manhã desta terça-feira (4) (Foto: Reprodução/ TV Globo)

O prédio do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, pegou fogo no domingo (2) e abrigava cerca de 20 milhões de itens, dentre eles o fóssil de "Luzia", descoberto em Minas Gerais e considerado o mais antigo encontrado nas Américas. Segundo a vice-diretora da instituição, Cristiana Serejo, cerca de 10% do acervo não foram destruídos após as chamas. O local está interditado.

Nesta terça-feira (3), os bombeiros que trabalham no que restou do prédio encontraram um crânio em meio aos escombros. Ele pode ser de Luzia, o fóssil humano mais antigo da América. Um grupo de especialistas vai analisar o material.

BHAZ.COM.BR – 04/09/2018

Após tragédia no Rio, museus e acervos em Minas terão vistoria do Ministério Público

De Redação

Rafael D'Oliveira/Bhaz

O Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), por meio da Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Histórico, Cultural e Turístico (CPPC), vai vistoriar a situação dos museus do Estado. A ação é motivada para evitar tragédias como a do incêndio que consumiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, no último domingo.

O comunicado do MPMG alerta para que os promotores de Justiça de todo o Estado tenham atenção especial à veri-

PATOS JÁ ON LINE - 04/09/2018 ÀS 19H00

Museu de Patos de Minas passa por reforma e se adapta a projeto de prevenção de incêndio

Patos de Minas também contribuiu com acervo do Museu Nacional

Por Aiandra Faria - Foto: Vinícius Machado |

O incêndio no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, registrado no último domingo (02) pode ter destruído mais de 200 anos de história. Lá havia mais de 20 milhões de peças históricas. Após as chamas, muitas pessoas lamentaram o ocorrido. Agora, o Ministério Público de Minas Gerais deu início a um diagnóstico da situação de segurança dos museus e imóveis tombados de uso coletivo no estado. Promotores vão notificar os gestores dos estabelecimentos para prestar informações. De acordo com a Secretaria de Estado de Cultura, Minas tem 430 museus. Em Patos de Minas são sete museus. A capital do milho também contribuiu com o acervo visto por mais de 10.000 pessoas no Museu Nacional. Mas será que fatos como este não poderiam acontecer bem próximos a nós?

<https://www.patosja.com.br/noticias/patos-de-minas/cultura/museu-de-patos-de-minas-passa-por-reforma-e-se-adapta-a-projeto-de-prevencao-de-incendio>

ficação das condições de segurança dos imóveis históricos de uso coletivo ou prédios que abriguem acervos históricos, como museus e arquivos públicos.

“É importante garantir a existência de Sistema de Proteção contra Incêndio e Pânico instalado e eficiente e a existência de Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros válido nesse imóveis”, afirma a coordenadora da CPPC, Giselle Ribeiro.

Segundo Giselle, a coordenadoria encaminhou aos promotores de Justiça documentos para auxiliar na sua atuação na defesa do patrimônio histórico e cultural mineiro, entre eles, um manual básico de segurança e conservação do patrimônio cultural elaborado pelo próprio MPMG a ser distribuído aos responsáveis por bens de valor cultural. A publicação contém instruções preventivas, inclusive quanto a incêndios e descargas atmosféricas.

Do MPMG

**Acesse o site abaixo para assistir o vídeo
JORNAL DA ALTEROSA - 4 DE SETEMBRO DE 2018**

Museus serão fiscalizados em Minas Gerais

Após o incêndio no Museu Nacional, Governo e Ministério Público de Minas verificam as proteções nos equipamentos nos museus mineiros.

<https://www.alterosa.com.br/programas/jornal-da-alterosa/museus-serao-fiscalizados-em-minas-gerais/>



JORNAL DE UBERABA ON LINE – 05/09/2018

MG tem vários museus em estado precário



Museu Aurélio Dolabella/Casa da Cultura, em Santa Luzia está fechado há mais de quatro anos

Fogo, tristeza e, agora, busca de proteção. No dia seguinte ao incêndio que destruiu grande parte do acervo e do prédio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro (RJ), autoridades de Minas se mobilizam para evitar que o patrimônio estadual siga o mesmo caminho ou sofra com a degradação – no estado, há 430 museus, sendo 125 na Região Metropolitana de Belo Horizonte e 68 na capital. Em Uberaba, existem o Museu de Arte Decorativa – MADA; Museu do Zebu (Fundação Edilson Lamartine Mendes); Museu de Arte Sacra; Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier; Museu dos Dinossauros e Memorial Chico Xavier. Ontem, o Ministério Público, via Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico (CPPC), começou a fazer um levantamento para verificar o tipo de proteção existente nas edificações que funcionam como equipamento cultural. Já o governo do estado anunciou a realização da Operação Alerta Vermelho pelo Corpo de Bombeiros, com órgãos mineiros ligados ao setor cultural, de patrimônio histórico e de meio ambiente, para fiscalizar equipamentos públicos e orientar sobre a prevenção a incêndios.

No caso da iniciativa do MP, segundo a coordenadora da CPPC, promotora de Justiça Giselle Ribeiro de Oliveira, estão sendo expedidos comunicados às comarcas para que os representantes das promotorias verifiquem a situação dos museus nas cidades e quais são as formas de proteção. A partir das investigações, promotores de Justiça vão elaborar um diagnóstico e propor medidas de salvaguarda aos gestores municipais ou de museus particulares, a fim de fomentar as ações. “Estamos todos chocados com o ocorrido no Rio de Janeiro, acho mesmo que ficamos de luto por perda tão grande”, lamentou Giselle.

No estado, conforme a Superintendência de Museus e Artes Visuais, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura, cerca de 20% dos museus estão em situação lamentável quanto à segurança. “A maior parte deles funciona em prédios antigos”, disse a diretora de Ações Museológicas, Ana Werneck, ressaltando que os acervos mais importantes para contar a história de Minas, especificamente sobre o Ciclo do Ouro, estão na Região Central, embora haja expoentes também no Sul de Minas, como em Campanha, e no Vale do Jequitinhonha, a exemplo de Diamantina.

Os especialistas lastimam a grande perda do patrimônio arqueológico, com muitas peças oriundas da Região Cárstica, que tem Lagoa Santa como principal referência. Mas o secretário municipal de Cultura e Patrimônio de Ouro Preto, Zaqueu Astoni Moreira, lembrou que estavam no museu também uma coroa e um cetro do congado, um tambor do século 18 da Igreja Nossa Senhora do Rosário e dois anjos da Igreja das Mercês de Cima, no Centro Histórico da antiga

Vila Rica.

Em Ouro Preto, o Corpo de Bombeiros vai intensificar a fiscalização em todos os locais que guardam a memória da cidade, reconhecida como Patrimônio da Humanidade. Haverá bastante trabalho. Conforme apurou o Estado de Minas, o Museu da Inconfidência, por exemplo, ficou com as contas de luz em atraso por 19 meses. O EM entrou em contato com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), ao qual a unidade está vinculada, mas até o fechamento da edição não obteve resposta. Considerado o segundo museu federal mais visitado do país, atrás apenas do Museu Imperial, em Petrópolis (RJ), o Inconfidência recebe cerca de 150 mil pessoas/ano.

Dimensão mundial – Em nota, a Secretaria de Estado da Cultura lamentou a destruição do Museu Nacional, instalado desde a proclamação da República no palácio imperial da Quinta da Boa Vista, no Rio. “Constitui numa tragédia imensa para todo o Brasil e em perda de dimensão mundial. Muito da história de Minas passava pelos acervos do local, e os riscos que cercavam o conjunto arquitetônico sempre causaram apreensão a todos os militantes do campo da cultura”. E mais: “Uma advertência incontornável impõe-se ao Brasil e a todos nós quanto à necessidade de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural, com investimentos financeiros à altura das demandas acumuladas”.

Estado cria força-tarefa para fiscalizar



Museu de Arte Decorativa – MADA, em Uberaba

Em reação ao incêndio que destruiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, o governador Fernando Pimentel (PT) se reuniu ontem com os comandantes do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, da Defesa Civil e representantes das secretarias de estado de Cultura e Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, além de órgãos ligados ao patrimônio cultural, como o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha) e a Fundação Clóvis Salgado. No encontro foi determinada mobilização em nível estadual para fiscalizar equipamentos culturais e orientar sobre a prevenção a incêndios, por meio da Operação Alerta Vermelho.

De acordo com o comandante-geral dos Bombeiros, coronel Cláudio Roberto de Souza, esta será a 11ª edição da operação em 12 meses. “Faremos visitas de orientação nos equipamentos onde existe esse acervo histórico, com os outros órgãos”, afirmou. “Vamos averiguar a falta do extintor, sinalização de emergência, material combustível que está inadequadamente acondicionado, coisas desse tipo”, disse, afirmando que a operação ocorrerá em todo o estado.

Acervo da PUC destruído – Em 22 de janeiro de 2013, o fogo destruiu parte do acervo do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, no Bairro Coração Eucarístico, na Região Noroeste de Belo Horizonte. As labaredas atingiram o segundo andar do prédio e queimaram, principalmente, réplicas e cenários. Foi consumida parte das exposições Peter W. Lund, sobre a vida do paleontólogo e naturalista dinamarquês, e do pleistoceno, cujo tatu gigante teve placas da carapaça descoladas. O museu foi reaberto depois de 11 meses.



INCÊNDIO NO MUSEU NACIONAL

As histórias que perdemos...

ACERVO DESCOBERTO EM TERRAS MINEIRAS, QUE ESTAVA ENTRE AS PEÇAS CONSUMIDAS PELO FOGO NO RIO DE JANEIRO, INCLUI VESTÍGIOS DA PRÉ - HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE E MILHARES DE FRAGMENTOS DO 'POVO DE LUZIA'

...E as que podemos recontar

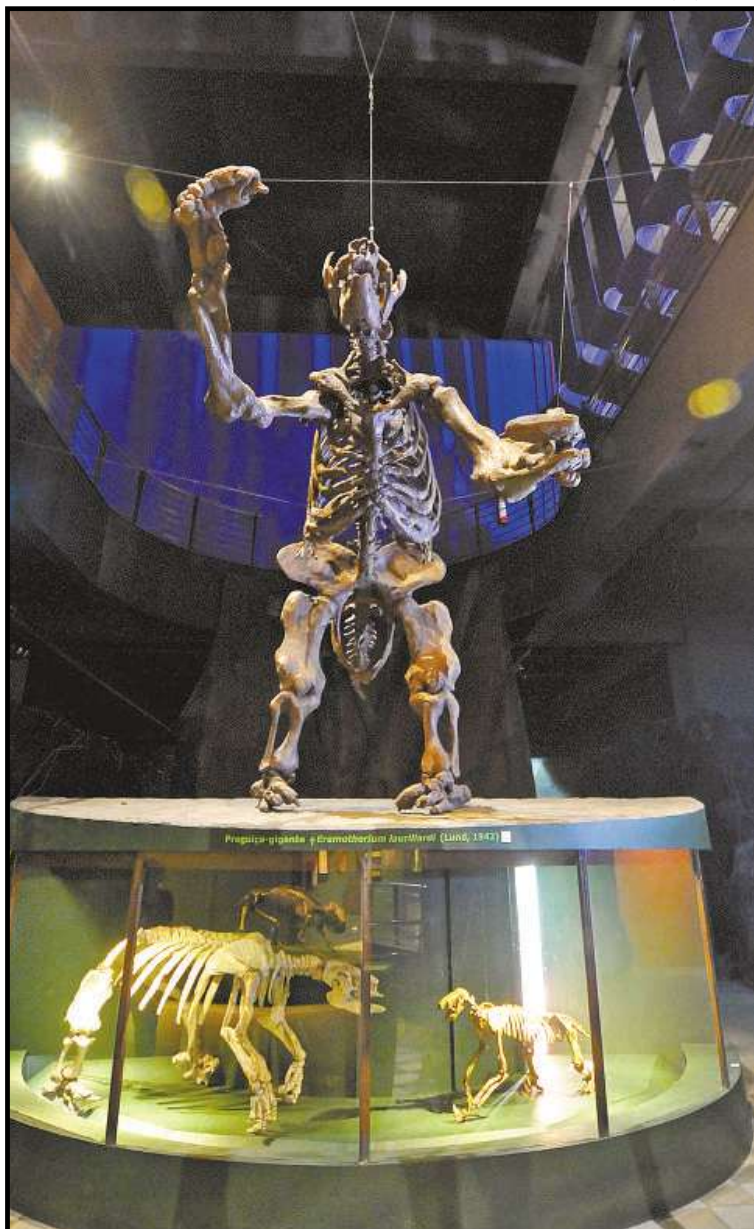
UMA DAS ESPERANÇAS PARA AJUDAR A RECOMPOR O TESOURO PERDIDO ESTÁ EM EQUIPAMENTOS COMO O MUSEU DA PUC MINAS, QUE TEM RÉPLICAS FEITAS A PARTIR DE ORIGINAIS QUE ESTAVAM EXPOSTOS NO PRÉDIO DESTRUÍDO

GUSTAVO WERNECK

Perdas e esperança na ciência, na cultura e na pesquisa, em um momento que comove o mundo e deixa em aberto os caminhos do Museu Nacional, consumido pelo fogo no Rio de Janeiro. Minas pode ajudar na recomposição do riquíssimo equipamento cultural destruído na capital fluminense durante incêndio entre a noite de domingo e a madrugada de segunda-feira. Mas lamenta a perda de um acervo valioso, composto, entre muitas peças, pelos milhares de vestígios arqueológicos retirados da gruta Lapa Vermelha IV, em Pedro Leopoldo, na Grande BH, e levados para a instituição, na década de 1970. Nesse sítio da região metropolitana da capital mineira foi também encontrado o crânio de Luzia, considerada a primeira brasileira, peça sobre a qual ainda não se tem notícia concreta após o desastre.

Segundo o arqueólogo André Prous, professor aposentado do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais, o acervo recuperado em Minas e mandado ao Museu Nacional incluía fragmentos de cerâmica, ossos e rochas. "Tenho toda a documentação e os escritos sobre isso", disse Prous. As peças foram levadas para o Rio pela missão franco-brasileira chefiada pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire (1917-1977), que fez escavações entre 1974 e 1975 na região cárstica de Lagoa Santa. Em 1975, Annette encontrou o fóssil humano mais antigo com datação no Brasil (11,4 mil anos), o qual foi estudado em 1998 pelo antropólogo Walter Neves, da Universidade de São Paulo (USP). Foi ele o responsável por estudos que contaram uma nova história do povoamento do continente, e por

FOTOS: ALEXANDRE GUZANSHE/EM/D.A PRESS



Vários dos espécimes expostos na PUC são cópias perfeitas do Museu Nacional

CONT.... ESTADO DE MINAS - P. 13 E 14 - 05/09/2018

batizar Luzia – numa alusão a Lucy, um fóssil de australopitecos de 3,2 milhões de anos descoberto no Deserto de Afar, na Etiópia, considerado um dos mais antigos homínídeos de que se tem notícia.

Outra perda, que tende a se transformar em um mistério insolúvel, refere-se ao acervo de milhares de anos que ajudaria a contar a pré-história de Belo Horizonte – bem antes dos tempos de Curral del-Rey, que deixou de existir para dar lugar à capital inaugurada em 1897. No fim da década de 1930, foram enviados ao Museu Nacional, conforme registros fotográficos, vestígios cerâmicos (pedaços de potes de variados tamanhos e rodas de fuso) e líticos (machados, soquetes e bigornas de pedra) provenientes de antigas aldeias indígenas existentes principalmente nas regiões onde hoje fica o Horto Florestal, no Bairro Santa Inês, e do Córrego do Cardoso, no atual Bairro Santa Efigênia, na Região Leste. “Certamente, esse material está perdido”, lamenta o geólogo e professor Antônio Gilberto Costa, diretor do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

COOPERAÇÃO Com a tragédia consumada no Rio de Janeiro e uma parte ainda não descrita do acervo perdido no Museu Nacional, os cientistas, apesar de lamentar a destruição, têm a possibilidade de trabalhar em um sistema de cooperação, fundamental para reerguer o equipamento das cinzas. O Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, em Belo Horizonte, por exemplo, está pronto a auxiliar o Museu Nacional a repor parte do acervo paleontológico (fósseis) que, conforme estimativas iniciais, arruinou não só o prédio de 200 anos como também 90% do acervo em exposição no imóvel histórico. Segundo o coordenador do equipamento mineiro, Bonifácio José Teixeira, as réplicas de exemplares da megafauna expostas na unidade do câmpus Coração Eucarístico, na Região Noroeste da capital, foram feitas em resina, sobre originais exibidos no museu fluminense.

“Agora, poderemos ajudar o Museu Nacional, inclusive fazendo cópias aqui mesmo, pois tempos experiência nesse campo. Todas as nossas peças em exibição ao público foram feitas no museu da PUC”, disse Bonifácio José, ao lado do professor Cástor Cartelle, curador da coleção de paleontologia e referência internacional no estudo de fósseis. Na tarde de ontem, os dois mostraram peças que podem fazer parte do intercâmbio científico: crânio do *Tiranossauro rex*, pterossauro (réptil voador), esqueleto completo do toxodonte ou toxodon (rinoceronte), mandíbula de mastodonte e mais dois dentes incisivos, tigre-dente-de-sabre e uma preguiça-gigante.

“Essa preguiça foi encontrada na Bahia: é a cópia exata do bicho inteiro”, contou o professor Cartelle.

Mesmo diante da atitude solidariedade entre cientistas de instituições de renome, fica difícil não falar sobre a destruição do Museu Nacional, que abrigava um acervo composto de parcela considerável da história da humanidade. Cartelle não esconde a indignação, sugerindo até mesmo deixar o prédio como está, como “tes-

temunha do descaso, do desleixo e do abandono do bem nacional”. Para Bonifácio, os incêndios são ou um “azar da natureza ou coroamento de uma série de erros e negligências”, que levam à deterioração da educação, da ciência e da cultura. “A sociedade precisa ficar unida e se apropriar de seus bens para protegê-los da melhor forma”, afirma.

CRIANÇAS Com 10 coleções científicas e pesquisadores qualificados, o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, criado em 1993 e há 10 anos em um prédio específico para sua finalidade, recebe mais de 100 mil visitantes por ano – apenas em 2017, foram 103 mil. Diante das relíquias e de suas reconstituições, os estudantes, principalmente as crianças, não perdem tempo nem as explicações dos monitores. Na companhia da professora Ana Paula da Matta, os alunos da Escola Municipal Antônio Tereza dos Santos, de Betim, na Grande BH, ficaram um longo tempo admirando a reconstituição do crânio de Luzia, encontrado em 1974. Perto dali, há também uma versão para que os deficientes visuais possam conhecê-la com as pontas dos dedos.

“Fiquei muito triste com a destruição do Museu Nacional. Já conhecia a história da Luzia, mas é bom ver tudo aqui de perto. Fico emocionada”, disse Maria Júlia Medina, de 12 anos. Perto dela, os colegas Júlia Lopes, Luíza Vitória, Breno Eduardo, Alejandro Mateus e Stephany Alves estavam atentos aos detalhes e às informações. Ao fim da visita, contemplaram o pterossauro (réptil voador), que domina um dos andares do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas.

“

Poderemos ajudar o Museu Nacional, inclusive fazendo cópias aqui mesmo, pois tempos experiência nesse campo”



■ **Bonifácio José Teixeira**, coordenador do Museu de História Natural da PUC Minas

“

Temos peças como uma preguiça-gigante que foi encontrada na Bahia: é a cópia exata do bicho inteiro



■ **Cástor Cartelle**, curador da coleção de Paleontologia do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas

CONT.... ESTADO DE MINAS - P. 13 E 14 - 05/09/2018



Estudantes observam reprodução das feições de Luzia: aula de preservação da história



INCÊNDIO NO MUSEU NACIONAL

VESTÍGIOS DE TRIBOS DA REGIÃO QUE SE TORNARIA A NOVA CAPITAL FORAM ENVIADOS AO ACERVO DO RIO HÁ DÉCADAS, MAS SEU PARADEIRO ERA UMA INCÓGNITA ANTES MESMO DA TRAGÉDIA

O MISTÉRIO DOS ANCESTRAIS DE BH

GUSTAVO WERNECK

Se parte da pré-história de Minas pode ter se perdido no incêndio que destruiu, na noite de domingo e madrugada de segunda-feira, o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, tudo indica que também estão sob escombros vestígios arqueológicos específicos sobre o passado de Belo Horizonte, muito antes de Curral del-Rey existir. A coleção inclui os vestígios cerâmicos (pedaços de potes de variados tamanhos e rodas de fuso) e líticos (machados, soquetes e bigornas de pedra) provenientes de antigas aldeias indígenas existentes principalmente nas regiões onde hoje fica o Horto Florestal, no Bairro Santa Inês, e do Córrego do Cardoso, no atual Bairro Santa Efigênia, na Região Leste.

Na tarde de ontem, o geólogo e professor Antônio Gilberto Costa, diretor do Museu de His-

tória Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB/UFMG), lamentou a tragédia que consumiu, nas labaredas, o acervo do Museu Nacional, e também o que pode ter ocorrido com a coleção de Minas. Nesse, acaso, afirmou, pode estar tudo perdido em um clima de mistério.

Para entender melhor essa história, é preciso voltar no tempo, tendo como guia a pesquisa do promotor de Justiça Marcos Paulo de Souza Miranda, também integrante do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), com base em estudos da década de 1940. Segundo Souza Miranda, a história da que hoje é conhecida como capital dos mineiros vem de muito antes da transferência, em 1897, da sede do poder de Ouro Preto para o primitivo Arraial do Curral del-Rey, sobre a qual foi erguida a cidade – antes até mesmo das sesmarias recebi-

das, em 1701, pelo bandeirante João Leite da Silva Ortiz.

PRIMÓRDIOS Em entrevista ao Estado de Minas, o pesquisador contou um pouco do passado desconhecido de BH. “Muito antes dos pioneiros, já havia ocupação humana na região, conforme vestígios arqueológicos encontrados na forma de artefatos de pedra e cerâmica. O grande problema é que esse material foi levado para o Rio de Janeiro e nunca mais voltou”, disse. A base dos estudos está na publicação Arqueologia de Belo Horizonte, de dezembro de 1947, quando a capital comemorava 50 anos, e o então presidente da Academia Mineira de Ciências e do IHGMG, professor Aníbal Mattos, escreveu sobre a ancestralidade da capital e registrou em fotografias os vestígios arqueológicos.

“Trata-se de um livro precioso

CONT.... ESTADO DE MINAS - P. 13 E 14 - 05/09/2018

so”, diz Souza Miranda, explicando que o trabalho foi apresentado em 1938, em BH, e dois anos depois no 3º Congresso Rio-grandense de História e Geografia, em Porto Alegre. Para o especialista, são necessárias políticas para proteger o patrimônio arqueológico da capital. Na sede do IHG-

MG, na Praça Raul Soares, Região Centro-Sul da capital, está o opúsculo (texto impresso de poucas páginas) de Aníbal Mattos, e, de olho nas páginas, pode se entender melhor a pré-história de Belo Horizonte, metrópole hoje com cerca de 2,4 milhões habitantes que completou 120 anos em 2017. Mattos escreveu: “São páginas inéditas de uma história que o belo-horizontino ainda não conhecia, e de cuja existência talvez nem suspeitasse”. Entre os achados estavam machados indígenas, conhecidos popularmente como “pedras de raio”.

até agora é a do Horto Florestal.

Em seu texto, o escritor e pesquisador revelou ainda que as melhores peças encontradas pelo doutor Soares de Gouvêa, que trabalhou em escavações na região do antigo Horto Florestal, hoje parte do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, “tinham sido enviadas a Roquette Pinto, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro”. E ressaltou: “Das jazidas arqueológicas que devem ter existido aqui, a mais importante

até agora é a do Horto Florestal.

BUSCA Em 2014, o professor Gilberto esteve no Museu Nacional,

berto esteve no Museu Nacional, no Rio, e conversou com a diretoria sobre o acervo enviado na década de 1940. Com surpresa, foi informado de que ninguém sabia localizá-lo. Dois anos depois, voltou à carga, com objetivo de tentar um comodato para a exposição dos bens, embora sem resposta. Agora, com a tragédia, continua o silêncio, embora sempre reste uma ponta de esperança de que o acervo seja encontrado.

ENQUANTO ISSO...

...PROTEÇÃO PARA BENS CULTURAIS

O Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) informou, ontem, que atualmente 57 bens culturais em 32 municípios mineiros são contemplados pelo programa denominado Minas Para Sempre, que trata de instalação de alarmes com sensor de presença para monitoramento contra furtos e arrombamentos. A instituição, em nota, destacou que, em 2016 e 2017, atuou em parceria com o Corpo de Bombeiros na elaboração de normativas referentes à proteção de combate a incêndios nas edificações tombadas, resultando na Instrução Técnica número 35, de 2017. Também ontem, o governo de Minas informou que começa na segunda-feira a atuação da força-tarefa que deve vistoriar as principais edificações e conjuntos históricos do estado.